

## A Filosofia da História de Walter Benjamin.

Mestrando Josias José Freire Jr.  
Universidade Federal de Goiás.  
E-mail: [freire.josias@gmail.com](mailto:freire.josias@gmail.com)

### RESUMO

Neste texto esboçaremos algumas idéias acerca das relações entre reflexões sobre a história e sobre a linguagem. A partir do comentário de algumas idéias do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) pontuaremos a possibilidade de incrementar as reflexões sobre a história a partir da problematização de suas idéias. Por elaborar um conceito de típico de linguagem, como *medium* produtor, limite e possibilidade do conhecimento, o filósofo articulou tal conceito prenhe de atualizações frente às demandas contemporâneas. Ao apresentarmos o conceito de história de W. Benjamin a partir de suas idéias acerca da linguagem trazemos o tema da linguagem à teoria da história, visando discussões sobre caráter lingüístico, tanto do objeto da história quanto do conhecimento histórico.

Palavras-chave: História, filosofia, linguagem.

### ABSTRACT

This paper aim is to sketch some indicators about the relationship between reflections on the history and the language. From the comments of some ideas of German philosopher Walter Benjamin (1892-1940) appears us the opportunity to enhance the reflections on the history from the questioning of his ideas. To draw up a typical concept of language, medium producers, possibility of knowledge, the philosopher articulated this concept laden with the demands facing contemporary updates. To present the concept of history of W. Benjamin from his ideas about language to bring the issue of language to theory of history, to discussions on linguistic character of both the object of history as history knowledge.

Keywords: history, philosophy, language.

“Um problema central do materialismo histórico a ser finalmente considerado: será que a compreensão marxista da história tem que ser necessariamente adquirida ao preço da visibilidade da história? Ou: de que maneira seria possível conciliar um incremento da visibilidade com a realização do método marxista? [...]”.

Walter Benjamin (BENJAMIN, 2006, p. 503).

“O curso da história como se apresenta sob o conceito de catástrofe não pode dar ao pensador mais ocupação que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, para a qual, a cada giro, toda ordenação sucumbe ante uma nova ordem. [...] – O caleidoscópio deve ser destruído”.

Walter Benjamin, (BENJAMIN, 1989, p. 154).

Neste texto apresentarei algumas idéias do filósofo alemão Walter Benjamin (1882-1940) com o objetivo de atualizar algumas categorias de seu pensamento e aproximá-las de reflexões na área da teoria da história.

Primeiro farei algumas considerações sobre a teoria da história, para em seguida explicitar algumas idéias de Walter Benjamin a partir de alguns de seus leitores para que então possamos trabalhar sobre algumas categorias das reflexões benjaminianas, atualizando-as para a teoria da história contemporânea.

A teoria da história é a reflexão acerca dos limites e possibilidades do pensamento histórico. As reflexões dentro do campo de teoria da história são marcadas pelas discussões acerca do estatuto do conhecimento histórico, seu grau de cientificidade, suas possibilidades e limites na tarefa de conhecer o passado. Para tanto, reconhecemos a tarefa da teoria da história como auto-reflexão necessária e permanente:

“Auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento [...]” (RÜSEN, 2001, p. 26).

Esta auto-reflexão tem por objetivo apresentar os elementos que determinam o conhecimento histórico, as categorias que balizam o saber histórico, ao mesmo tempo que possibilita a reflexão crítica sobre as possibilidades e os limites da produção historiográfica (RÜSEN, 2001, p. 29).

No livro *Razão Histórica* (RÜSEN, 2001), precisamente no Apêndice à edição brasileira (RÜSEN, 2001, p. 149), o teórico da história J. Rüsen faz algumas considerações sobre a *constituição narrativa do sentido histórico*<sup>1</sup>, evidenciando algumas características do conhecimento histórico e a idéia da narrativa como uma racionalidade típica da constituição histórica de sentido (RÜSEN, 2001, p. 153). A idéia principal do teórico alemão é que a narrativa histórica, por suas características peculiares enquanto elemento de constituição de sentido, apresenta uma forma de racionalidade específica. J. Rüsen enfatiza um das grandes questões que a ciência da histórica enfrenta nas últimas décadas: a ‘fragilidade’ do paradigma científico oriundo das experiências catastróficas do

---

<sup>1</sup> Isto é, a forma com que a narrativa acerca do passado – resultado da produção do conhecimento histórico – nos remete à nossa própria condição histórica, figurando como elemento constituído de sentido, orientação existencial no tempo.

século XX coloca na berlinda a idéia da história científico-positivista, como fora concebida no século XIX:

“Na medida em que o progresso apareça como catastrófico em si, a racionalidade do pensamento histórico explicitada por paradigmas sucumbe à crítica radical.” (RÜSEN, 2001, p. 167).

Frente à crítica radical, aparece como tarefa fundamental da teoria da história, o trabalho crítico na direção de incorporar e responder as demandas dessa crítica, em direção a um conhecimento histórico sustentado por uma teoria *apta* a tais questionamentos. Outra das tarefas da teoria da história é, pois mapear as “composições” críticas radicais que desqualificam o discurso histórico a ponto de comprometer a as perspectivas orientadoras das ações das mudanças produzidas pela história como ciência. O que está em jogo é a tensão entre as críticas radicais e a necessidade de reorganizar teoricamente o conhecimento histórico, o adaptando ao paradigma contemporâneo, consciente da crise do legado moderno.

As conseqüências políticas de uma desqualificação do discurso histórico seriam desastrosas; de acordo com o teórico alemão, devemos opor as reflexões sobre as possibilidades – e os limites – da razão contra tal desqualificação (RÜSEN, 2001, p. 167).

Reconhecendo tais desafios para a teoria da história nos propomos buscar, no pensamento de Walter Benjamin<sup>1</sup> a possibilidade de apresentar à problematização crítica a constituição histórica de sentido pela via da teoria da história presente no pensamento do filósofo, mesmo que tal via seja a via negativa<sup>2</sup> da constituição de sentido (RÜSEN, 2001, p. 172).

Para tal empreita propomos fazer algumas considerações sobre o pensamento de Benjamin a partir de alguns de seus leitores para posteriormente apresentarmos algumas considerações nossas. Aqui especificamente trabalharei com as idéias de Walter Benjamin acerca de sua teoria do conhecimento. As

---

<sup>1</sup> Está explícito no Apêndice da obra de J. Rüsen em questão, a influência das idéias de W. Benjamin quanto a necessidade de incorporar reflexões sobre as experiências catastróficas da modernidade na história (cf. nota 31 do Apêndice, p. 171)

<sup>2</sup> A idéia de uma reflexão sobre a constituição de sentido via negativa, está de acordo as propostas da filosofia da história de Walter Benjamin, tanto no que se refere à sua tarefa política, explícitas nas teses “Sobre o Conceito de História” (BENJAMIN, 1994, p. 222), quando à teoria do conhecimento benjaminiana, exposta ao longo de toda sua obra, especialmente no livro sobre o drama barroco alemão (BENJAMIN, 1894, p. 69).

reflexões que apresentamos são partes de um projeto que desenvolvemos a cerca de três anos, que tem como objetivo 'atualizar' o pensamento de Benjamin para teoria da história.

Em seu livro *Alegorias da Dialética* (MURICY, 1998), Kátia Muricy apresenta a teoria do conhecimento de Benjamin (no capítulo intitulado '*O Ser das Idéias*' (MURICY, 1998) explícita nos conceitos benjaminianos de Apresentação (*Darstellung*) e Origem (*Ursprung*). Partindo das reflexões precedentes sobre as propostas benjaminianas de 'expansão' do conceito de experiência kantiano e sobre considerações acerca da teoria da linguagem de Walter Benjamin, Muricy mostra o trabalho de superação da filosofia do sujeito a partir da ruptura entre verdade e conhecimento onde a verdade – verdade é exposição – é a essência comunicada pela linguagem – nesta concepção mística da linguagem se apresenta uma crítica radical do conceito instrumental da linguagem, que vê na língua, apenas um meio de comunicação. Da idéia emerge – pela *apresentação* – o mundo empírico *re-historicizado* (na idéia), através dos fragmentos dos fenômenos, mediados pelos conceitos e expostos no Ser das idéias.

Assim é reconhecido um co-pertencimento entre o conteúdo de verdade – pela via da crítica – e o conteúdo material – o substrato empírico. O mundo empírico é encontrado pelo empirismo radical – imersão no mundo dos fatos (MURICY, 1998: 41). Esse retorno da linguagem à história (MURICY, 1998, p. 41) é o reconhecimento da categoria de origem não como temporalidade, mas como descontinuidade do tempo, como quebra do continuum, como petrificação da história. Ainda:

"Apresentar as idéias é estabelecer relações intensivas, é interpretar. Interpretação ou apresentar idéias diz respeito a uma historicidade específica onde, fora do encadeamento causal e dos procedimentos conceituais abstratos, procura-se uma outra articulação entre o devir do sensível e a permanência do inteligível, entre o particular e o universal" (MURICY, 1998, p. 41).

Nessa mesma direção estão algumas idéias do crítico Stéphane Moses, expostas no seu texto *Ideas, Names, Star: On Walter Benjamin's Metaphors of Origin* (MOSES, 1993). O conceito de origem (*Ursprung*) é desdobrado a partir de seu significado dual, de restauração da revelação – o originário – e o significado da

incompletude da natureza dessa restauração. Essa ambivalência perfaz tanto a categoria de origem, como a idéia de retorno e redescobrimto da verdade. A imersão no conteúdo material e a exposição do conteúdo de verdade, a *anamnesis* como retorno primeiro a verdade não-histórica, mas imanente à história (não submetida ao mundo histórico, mas presente nele), exhibe o tripé da teoria do conhecimento de Benjamin com as idéias da *Apresentação* da verdade, a idéia de *Origem* e sua concepção da Linguagem. Essa tensão aparece no ensaio de Benjamin sobre Goethe (*Wahlverwandtschaften*) com a tensão entre a ética além do mundo histórico e a finitude mítica. Para o autor a alusão à metáfora das estrelas – ao fim do ensaio sobre a *Wahlverwandtschaften* –, das constelações do livro sobre o drama barroco alemão e dos textos sobre Baudelaire evidenciam a recorrência – e a articulação temática – deste tema no pensamento de Benjamin.

A professora Jeanne-Marie Gagnebin apresenta em dois textos alguns aspectos da teoria do conhecimento de Benjamin também pelas idéias da *Darstellung* e de *Origem*. Gagnebin no livro *História e narração em Walter Benjamin* (GAGNEBIN, 1994) articula a teoria da narrativa na obra de Benjamin, mostrando de que maneira o autor alemão, em seu projeto de renovação e expansão do conceito de experiência organiza suas idéias ao redor do conceito de narração (GAGNEBIN, 1994). O trabalho da memória, a salvação do esquecido e a constituição de sentido na modernidade são partes do trabalho da narrativa autêntica, do narrador alegórico que narra para “[...] uma reabilitação da história, da temporalidade e da morte na descrição da linguagem humana” (GAGNEBIN, 1994, p. 35) se mantendo assim consciente de suas possibilidades e de seus limites.

Também ressalta algumas características da teoria do conhecimento de Walter Benjamin o professor Márcio Seligmann-Silva, que trabalha em seu livro *Ler o livro do mundo* (SELIGMANN-SILVA, 1999) a teoria do conhecimento a partir do estudo da filosofia romântica e da análise da influência desse pensamento na teoria da linguagem benjaminiana e conseqüentemente, sua teoria do conhecimento. Seligmann-Silva mapeia o pensamento dos primeiros românticos e evidencia as correspondências deste pensamento na obra benjaminiana.

O projeto de revisão crítica da *Aufklärung* é levado a termo pelo trabalho de criação de uma nova filosofia, onde os conceitos de *Crítica* e, fundamentalmente, *Reflexão* possibilitam a construção de um novo horizonte para as reflexões

filosóficas. Seligmann-Silva mostra de que maneira muitas idéias filosóficas dos românticos de Jena – principalmente F. Schlegel e Novalis – contribuíram para a constituição do pensamento de Benjamin como, por exemplo, as idéias do mundo tomado como linguagem (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 394), o conceito de natureza e o deslocamento do idealismo transcendental de Kant para um idealismo absoluto (no caso dos românticos), com a idéia de que

“O Absoluto, na medida que ele está/é [...] espalhado na superfície do mundo, ele também se encontra no tempo. O mundo empírico torna-se o médium-de-reflexão através do qual pode conectar o eterno e o material [...]” (SELIGMANN-SILVA, 1999: 46). E ainda: “[...] Benjamin estava preocupado em [...] desvendar o elemento espacial que envolve e detém o tempo.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 394).

O limiar da filosofia benjaminiana do tempo (Seligmann-Silva reconhece mais que uma ‘filosofia da história’, uma “filosofia do tempo”, que é a condição de possibilidade do conhecimento, *pela* e *na* linguagem) é então sua teoria da linguagem.

Sérgio Paulo Rouanet, um dos primeiros leitores de W. Benjamin no Brasil, em sua Apresentação do livro sobre o drama barroco alemão, apresenta de forma extremamente didática as principais categoria do pensamento de Benjamin. Mostra de que maneira o conceito de Representação [agora, geralmente traduzido como ‘Apresentação’ – *Darstellung*] ocupa um lugar centra no pensamento de Benjamin. Em sua apresentação, Rouanet trabalha minuciosamente no sentido de explicar os principais conceitos benjaminianos, dando um grande suporte teórico e conceitual para o trabalho com o filósofo alemão.

Olgária Matos trabalha em seu texto *Benjamin e Kant: O Iluminismo Visionário* (MATOS, 1993) a importância do pensamento kantiano na obra de Benjamin e, o trabalho constante desse no sentido de, a partir de Kant, investigar e campos da experiências humanas desprezados por Kant. (MATOS, 1993, p. 137). Essa expansão do conceito de experiência (MATOS, 1993: 137) pela imersão em um conceito de tempo que

“[...] motivado pelo [conceito de verdade imóvel] kantiano oscila entre o mito [...] que a obra designa como passado, e a redenção que se apresenta como futuro [...]” (MATOS, 1993, p. 138)

desestabiliza as noções de universalização, pela operação que tem por ferramenta a alegoria, tendo por tarefa visar a apresentação do tempo – pelo reconhecimento do que nele há de irrepresentável (MATOS, 1993, p. 150), diluindo a verticalidade na relação entre sujeito e objeto.

Aqui se conjuga a temática da temporalização das imagens do passado, da tensão entre o saber (humano, lingüístico e, por conseguinte precário) e o inefável (a *coisa-em-si*, o conhecimento do Absoluto, signo da ausência).

Encontramos outras importantes considerações para a compreensão da teoria do conhecimento de Benjamin na obra do professor Willi Bolle, que foi o responsável pelo trabalho de edição e tradução da obra *Passagens* (BENJAMIN, 2006) para a língua portuguesa. Responsável por grandes trabalhos voltados aos estudos urbanos e literários, W. Bolle talvez hoje seja um dos mais importantes e respeitados leitores de Benjamin no Brasil. Tanto em sua *Obra Fisiognomia da Metrópole Moderna* (BOLLE, 2000), quando em seu posfácio à obra *Passagens*, Bolle defende a relação imprescindível entre a teoria do conhecimento e a filosofia da linguagem, e sua filosofia da história.

Para Willi Bolle a obra de Benjamin se apresenta como teoria e historiografia de sua proposta de escrita da história. A idéia de 'história' de Benjamin é então o 'clímax' de seu pensamento, sua teoria do conhecimento sua 'origem' (benjaminiana).

No posfácio à obra *Passagens* (BOLLE, 2006), Willi Bolle apresenta essa obra como revolução historiográfica de Benjamin, manifestação máxima de sua filosofia: a tensão apresentada pela escrita entre o conhecimento – fragmento, temporalidade e ausência – e o que ele visa pelo trabalho crítico relacional – o Absoluto intangível. A escrita benjaminiana é o alvo de Willi Bolle em seus trabalhos.

O conceito de Benjamin de escrita espacial, *não-narrável*, deve ser colocado em tensão com a produção historiográfica visada por ele: a construção de uma historiografia do século XIX, à contrapelo, visando sempre o despertar. Willi Bolle ainda neste posfácio apresenta diversas possibilidades de produção do conhecimento histórico a partir da proposta de Benjamin: 'história topográfica', 'política', 'econômica', 'da técnica', 'social', antropológica; 'história da arte e da mídia', 'dos livros', da percepção' e finalmente 'teoria da história'.

“A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e as formas primitivas do conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mítica e mágica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente é possível ler a mentalidade de uma época”. (BOLLE, 2000, p. 43).

Na citação acima, Willi Bolle a teoria da escrita imagética (o conhecimento relacional, por imagens do que escapa) de Benjamin e sua proposta de conhecimento histórico.

Flávio René Kothe talvez tenha sido um dos primeiros grandes leitores de Walter Benjamin no Brasil, ao lado de Carlos N. Coutinho, José Guilherme Merquior e Leandro Konder. Em duas de suas mais conhecidas obras, *Para ler Benjamin* (KOTHE, 1976) e *Benjamin & Adorno: confrontos* (KOTHE, 1978), Kothe trabalha as principais temáticas do pensamento benjaminiano de forma didática e acessível; e as tensões, aproximações e afastamentos dos pensamentos de Walter Benjamin e Theodor Adorno, respectivamente. Os trabalhos de Flávio René Kothe são imprescindíveis para reflexões acerca da politização do pensamento benjaminiano. Devido à importância do ensaio “A arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (traduzido em 1968, quando se lia pouco a obra de Walter Benjamin, inclusive na Europa) na recepção da obra de Benjamin no Brasil, Kothe se debruça, principalmente, sobre as discussões ao redor dos conceitos de ‘Aura’, de ‘experiência’ e das questões políticas vinculadas à arte de vanguarda e a apropriação benjaminiana desse ‘político’. Não que Kothe não conhecesse naquele momento os outros textos de Benjamin – ele cita constantemente as principais obras, muitas ainda hoje não traduzidas –, mas devido ao contexto de recepção tais questões, existia uma maior recorrência no debate teórico e político brasileiro. Para Kothe “A aura é, portanto, a categoria central de toda produção de Walter Benjamin” (KOTHE, 1976, p. 41).

Preferimos – depois de vários anos da publicação dos textos de F. R. Kothe – não eleger um centro para a filosofia benjaminiana, uma filosofia que se insurge contra os centros em favor dos extremos, do fragmento e do ruinoso. Reconhecemos a importância da teoria da aura de Benjamin, mas percebemos que ela está em relação com os outros temas, ao redor da negatividade (benjaminiana)

inerente à linguagem, (im)possibilidade e limite do conhecimento. Isto foi reconhecido também por Kothe em outra parte de sua obra:

“[...] a forma é a própria possibilidade do conhecimento: a priori absoluto, centro vivo da reflexão a constituir sempre novos centros de reflexão. No processo crítico, a obra se mostra como algo especialmente dinâmico: estrutura em constante estado de desestruturação e reestruturação.” (KOTHE, 1976, p. 23).

Aqui Kothe expõe, implicitamente, importantes considerações sobre a teoria do conhecimento de Walter Benjamin.

Antes de passar à parte final deste trabalho farei algumas considerações sobre minha leitura da teoria do conhecimento de Walter Benjamin. Para tais reflexões me baseio nas considerações do próprio Benjamin expostas em, talvez, seu mais importante trabalho teórico, o livro *Origem do Drama Barroco Alemão* (BENJAMIN, 1984).

As tentativas da filosofia sistemática de conhecer a verdade, para Benjamin, se mostram fracassadas por não respeitarem a essência fugidia da verdade. Em sua leitura da Doutrina das Idéias de Platão, Benjamin desenvolveu sua teoria do conhecimento de maneira a não violentar a natureza da verdade, sua essência incomensurável.

Para abordar a teoria benjaminiana do conhecimento dividirei as idéias apresentadas no livro sobre o Barroco a partir de dois pontos. Este recorte sistemático é sem dúvida bem esquemático frente à complexidade do pensamento em questão. Mas é minha alternativa de inserção em um debate – a teoria da alegoria e sua vinculação à filosofia da história – da maneira menos arbitrária possível.

A teoria das idéias de Benjamin se organiza de maneira a romper com a idéia sistemática de conhecimento, que o vinculava facilmente à verdade e tornava o inapreensível, o incognoscível banal. O projeto benjaminiano é um projeto de expansão e fortalecimento do saber e da razão, reconhecendo suas impossibilidades, mas explorando também suas potencialidades, em uma direção visionária.

O conceito, na teoria do conhecimento de Benjamin, tem primeiramente duas funções<sup>1</sup>: a salvação dos fenômenos nas idéias e a apresentação (*Darstellung*) dessas. O fenômeno em sua forma empírica, nas abordagens filosóficas sistemáticas, matemáticas, é visado como universal de forma esquemática e superficial, por métodos unilaterais, como a busca de leis e regularidades. Para Walter Benjamin, os fenômenos só podem ser compreendidos quando seus extremos são primeiramente percebidos e isolados. Este é o primeiro momento da tarefa filosófica, seguindo os desvios benjaminianos. A valorização dos extremos é a estratégia para, já de antemão, livrar o trabalho da busca de homogeneidades das 'deduções intermináveis', tão caras à filosofia da Razão instrumental.

Depois de reunidos, os extremos devem ser desvinculados de seus contextos, quebrados para, a partir desta fragmentação, o trabalho conceitual começar. Desarticulados de uma ordem sistemática os fenômenos podem ser trabalhados à maneira do ensaísta da escolástica ou do sábio dos talmudes. Da mesma forma os fenômenos devem ser recolhidos e justapostos como mosaico:

"Tanto o mosaico como a contemplação justapõe elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade." (BENJAMIN, 1984, p. 51).

Esta justaposição, o agrupamento e a apresentação dos fenômenos é tarefa dos conceitos, mediadores e ordenadores da relação fenômeno – idéias e conhecimento – verdade (BENJAMIN, 1984, p. 58).

Subordinados aos conceitos, fenômenos são diluídos nos elementos que os constitui (BENJAMIN, 1984, p. 56). Após a tarefa crítica destrutiva dos fenômenos pelos conceitos, aqueles devem ser reunidos – salvos – livres da unidade falsa, e levados à luz das idéias, onde estarão seguros (MACHADO, 2004, p. 62).

A segunda tarefa dos conceitos é a apresentação das idéias. É pelos conceitos, enquanto mediadores, que os fenômenos podem ser salvos para o Ser das idéias. Apresentadas como mosaico, as idéias escapam da filosofia sistemática e protegem os fenômenos enquanto heterogeneidade: os extremos. Os extremos aqui representam, na história, o que fora até então excluído dos discursos oficiais e

---

<sup>1</sup> Seguimos a proposta de Francisco de Ambrosio P. Machado (Machado, 2004, p. 59-66) por sua objetividade.

das grandes narrativas. Importante é também perceber que o pensamento de Benjamin, de maneira visionária, também se insurge contra o discurso histórico que omite *os escombros que crescem até o céu*, aqui incluímos tanto os discursos da história universal quanto a despolitização levada à cabo por algumas correntes mais.

Creio ser possível amarrar algumas reflexões e tecer algumas conclusões. Como fica evidente nas considerações expostas sobre a teoria do conhecimento elaborada por Walter Benjamin a importância de sua filosofia da história, baseadas em uma filosofia do tempo e uma filosofia da diferença.

É a inalienável presença dos interesses no corpus historiográfico que impossibilita a extrema radicalização dos pós-modernos por alguns autores. A operação de mapear e desvencilhar-se das relações de forças implícitas no discurso históricas, efetuadas por alguns autores, quando radicalizada, evidencia as relações de força presentes em todas as operações do conhecimento humano. Tal percepção não é nova, ou, pelo menos, um pouco anterior à moda pós-moderna. O reconhecimento destes “não-sentidos” para a história há algum tempo vem sendo discutido como possibilidade de inserção do trágico na história (DIEHL, 2002, p. 45-82).

O pensamento de Benjamin sobre a história possibilita a (re)inserção da linguagem na produção do conhecimento histórico e, conseqüentemente uma outra inserção do tempo na história, um outro tempo, isto representa entre outras coisas o reconhecimento da precariedade e das limitações do conhecimento. Importante é perceber que mesmo em favor de uma filosofia do tempo, uma filosofia da história do fragmentário, do fugidio e do malogro, o pensamento de Benjamin está vinculado a uma *metanarrativa*: a construção de uma filosofia da história que permita reconhecer a precariedade do tempo e a apropriação de categorias como a de progresso pelo modo de produção do capital, alienando a história de um conceito de tempo que permita a construção de uma idéia de justiça *intratemporal*. O ‘iluminismo visionário’ de Benjamin é construído sobre uma proposta de revisão da *Aufklärung* para reconstruir, à luz do século XX (a era das catástrofes), um conceito de razão que não seja instrumento da técnica niveladora das diferenças, ‘mercantilizadora’ do saber, devoradora da natureza (e do outro que faz parte deste território, natural, do não-eu).

Tal reabilitação do tempo se dá como observamos nos últimos textos de Walter Benjamin através da destruição do conceito de tempo e de história construído ideologicamente em favor dos 'vencedores'. A proposta revolucionária de Walter Benjamin consiste em levar a cabo a tarefa da crítica atual (atual, pois ainda incompleta) das estruturas da sociedade, desvencilhando-se das fantasmagorias míticas da cultura e do conhecimento que corroboram e sustentam de recíproca, se determinando mutuamente, as estruturas políticas e econômicas do tempo dos tempos do capitalismo tardio.

As categorias da negatividade repatriadas à história evidenciam no conceito de história benjaminiano a possibilidade da

"[...] significação do passado tornado presente como história tem de ser incondicionalmente preservada – e de maneira que o sentido do tempo, como fator de orientação da vida humana prática [...] vá além dos limites da experiência, possa mesmo contrapor-se à experiência histórica e se torne plausível. 'Sentido' [recebe] a marca empírica e lógica da ausência e da falta, sem tornar-se, contudo, um mero 'vazio'" (RÜSEN, 2001, p. 172).

Se a tarefa da teoria da história é pensar os limites e possibilidades da história, como a serve que leva à frente a luz, é obrigação daquele que se propõe a essa tarefa aproximar as discussões da filosofia às da teoria da história, para que seja levada em frente a empreita da qual fomos encarregados.

## Referências Bibliográficas:

- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Vol. 03. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Vol. 01. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. 2° ed. São Paulo: Ed. USP, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um painel com milhares de lâmpadas' Metrôpoles & Megacidades*. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*, edição alemã de Rolf Tiedemann, organização e edição brasileira de Willi Bolle; colaboração na edição brasileira de Olgária C. F. Matos; tradução do alemão de Irene Aron; tradução do francês de Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica. Memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- KOTHE, Flávio René. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria F. Alves, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Benjamin e Adorno*. São Paulo: Ática, 1978.
- MATOS, Olgária C. F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MATOS, Olgária C. F. *O céu da História: sobre alguns motivos judaico-benjaminianos*. Imaginário – USP, n°. 6, p. 14-25, 2000.
- MOSES, Stéphane. *Ideas, Names, Stars. On the Benjamin's Methaphors of Origin*. In: *For Walter Benjamin: documentation, essays and a sketch*. AsKI, Abeitskreis Selbsatändiger Kultur-Institute e.V., Bonn; Inter Naciones, Bonn. Ingrid and Konrad Scheurmann (ed.). Tradução (para o ingles): Timothy Nevill. Bonn: AsKI, 1993.

- MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: Romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Apresentação*. In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo : Brasiliense, 1984.

